

O CORPO ESCULPIDO: ENTRE OS MITOS E RITOS DO POVO TICUNA NA AMAZÔNIA

Ana Lucia Cavalcante dos Santos
Mestranda em Sociedade e Cultura da Amazônia - UFAM
E mail: santosanalucia075@gmail.com

Priscila R. de A. Bourguignon
Mestra em Tecnologia para o Desenvolvimento Social – UFRJ
E-mail: prof.priscilabourguignon@hotmail.com

Artemis de Araújo Soares
Pós-doc. na Université Paris 5 - Paris-Descartes
E-mail: artemissoares@yahoo.com.br

RESUMO

Este texto é resultado da reflexão sobre a sexualidade presente nas interpretações da cosmovisão, o mito e ritual do povo Ticuna. O estudo teve por objetivo compreender o mito e rito do povo Ticuna à luz das interpretações da literatura dos seguintes autores: Nimuendaju (1952), Soares (1999) e Matarezio Filho (2015), visando a maneira que o povo desta etnia constrói, compreende e se posta para o mundo através da sexualidade presente no contexto do ritual da moça nova. Entrelaçaremos transversalmente com as pesquisas da categoria Corpo de Le Breton (2010) no conceito de corpo social. Justificamos tal reflexão devido a forma como os Ticunas tratam suas relações e pelos ensinamentos vivenciados entre eles, através da sexualidade presente nos mitos e ritos que estruturam suas instituições sociais. Num dialogar com as interpretações das referências dos autores citados buscamos também, a compreensão da sexualidade presente nos objetos como “os bonecos de madeira” que tem por representação do corpo (índio) do homem e mulher (índia) com suas genitálias talhados em madeira que foram observados durante visita ao museu Povos da Amazônia. A estratégia metodológica se firma na pesquisa bibliográfica, fonte material e iconográfica (fotografia) do objeto, captada em visita ao museu. Discorreremos a análise das interpretações por pesquisa e leitura de artigos relacionados com o tema que contribuíram para a conclusão desta reflexão e de forma qualitativa para apresentação dos resultados. Como conclusão vislumbramos o respeito às diferenças e a compreensão equitativa da sexualidade através da interculturalidade, numa cúmplice e respeitosa aceitação da sexualidade do outro que nos aponta a educação sexual do povo Tikuna.

Palavras-chave: Corpo; Sexualidade; Povo Ticuna; Mito e Rito.

THE SCULPTED BODY: AMONG THE MYTHS AND RITES OF THE TICUNA PEOPLE IN THE AMAZON.

ABSTRACT

This text is the result of reflection on sexuality present in the interpretations of the worldview, the myth and ritual of the Ticuna people. The study aimed to understand the myth and rite of the Ticuna people in the light of the interpretations of the literature of the following authors: Nimuendaju (1952), Soares (1999) and Matarezio Filho (2015), aiming at the way that the people of this ethnicity build, understand and is put

into the world through sexuality since it is present in the plot of the young girl's ritual. We will intertwine transversely with Le Breton's Body category research (2010) in the concept of social body. We justify this reflection due to the way the Ticunas treat their relationships and the teachings experienced between them, through the sexuality present in the myths and rites that structure their social institutions. In a dialogue with the interpretations of the references of the aforementioned authors, we seek to understand the sexuality present in objects such as the dolls that represent the body (Indian) of the man (erect penis) and woman (India) (vagina) carved in wood that were observed during a visit to the Peoples of the Amazon museum. The methodology strategy is based on bibliographic research and the material and iconographic source (photography) of the object, captured during a visit to the museum. We discuss the analysis of interpretations through research and reading of articles related to the theme that contributed to the conclusion of this reflection and in a qualitative way to present the results. As a conclusion, we see respect for differences and an equitable understanding of sexuality through interculturality, in a complicit and respectful acceptance of the other's sexuality.

Keywords: Body; Sexuality; Ticuna People; Myth and Rite.

INTRODUÇÃO

É inegável que os museus são espaços de memórias, ambientes capazes de proporcionar vivências políticas, econômicas, socioculturais de um determinado evento temporal. Esses centros culturais também propiciam práticas educativas que ora fornecem inspirações às pesquisas futuras, ora são como catálogos de divulgação científica. É nesse cenário que emergiu esta reflexão sobre a representatividade da sexualidade da população Tikuna, para além da perspectiva da reprodução humana.

Essa etnia indígena apresenta características individuais articulando assim o “corpo” e seu “território”¹. Um termo importante para a sua cultura é “*Na’ane*” por tradução está vinculada aos aspectos de cosmo, mundo, terra e nesse sentido há relações intrínsecas entre um período temporal e o corpo, principalmente, pelo progresso de evolução biológica do corpo. Com isso, o amadurecimento sexual do corpo, e o cosmos Ticuna agem concomitantes à mitologia. Esse diálogo entre essas vertentes fica claro nas festividades/celebrações dessa etnia, como por exemplo, no ritual de iniciação das jovens Tikuna, o ritual da moça nova².

Justificamos a nossa escolha por essa etnia por ilustrarem esculturas com a presença da sexualidade masculina e feminina aflorada e suas relações entre cosmos e mitologia. Trata-se de “*breve análise de*” peças zoomorfas e antropomorfas

¹ Esse termo refere-se ao local onde a população Tikuna habita.

² É um ritual Tikuna que passa a jovem tikuna em sua primeira menarca.

esculpidas em madeira das árvores muirapiranga, balseira ou pau-balsa, que são geralmente feitas por mulheres tikunas com o intuito de ensinamento para as crianças. Para o processo de polimento das peças são utilizadas folhas da mapatirana (MELATTI, 2007). Essas esculturas da etnia Tikuna estão expostas, temporariamente, no museu do Centro Cultural dos Povos da Amazônia (CCPA)³, instituição implantada em maio de 2007.

Em diversos países do mundo notamos obras esculpidas nuas que objetivam passar uma mensagem sobre um determinado contexto, assim como provocar reflexões sobre as formas corporais, desconstruir valores discriminatórios, dentre outros. Essas obras também contribuem para o processo de ressignificação como, por exemplo, sobre os motivos pelos quais sujeitos tendem a tolerar determinadas obras com aspectos sobre nudez, como por exemplo, aquelas que representam a cultura erudita, enquanto que outras obras no caso a escultura tikuna não são entendidas, ao serem observadas com preconceito imediato, pela falta de informação e o desprendimento de buscar compreender o diferente de outra cultura.

Na história das obras de artes, a presença da nudez é recorrente desde as esculturas pré-históricas. Algumas marcaram a história da arte se tornaram conhecidas mundialmente como Vênus de Milo (século 2 a.C.); Laocoonte (entre os séculos 1a.C. e 1 d.C.); O nascimento de Vênus de Botticelli (1484); David de Michelangelo (1501); as três graças de Rafael (1504); Olympia de Manet (1863); nu deitado de Amedeo Modigliani (1917); e as mulheres de Argel de Picasso (1955), e as obras de Auguste Rodin.

O historiador Karlheinz Lüdeking (1950) aponta que, no início do século XIX, em templos religiosos durante a idade média, a nudez era assunto proibido, exceto sobre “Adão e Eva”. Já no período clássico, ou na Renascença, ela concebia ideal de formosura e força. Ao passo que na última época o corpo humano tornou-se instrumento de estudo obrigatório na formação acadêmica do artista. Dado que nos meados do século XIX, algumas das obras impressionistas de Édouard Manet, Edgar Degas e Pierre-Auguste Renoir contribuíram efetivamente para a propagação do nu.

³ De acordo com as informações encontradas no site, esse local tem como objetivo propagar as informações geradas e produzidas sobre os países da Amazônia Continental, formada por Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname, Venezuela e a Guiana Francesa. Para mais acesse: <https://cultura.am.gov.br/portal/centro-cultural-dos-povos-da-amazonia/> acesso em 05/09/2020.

Em seguida, os artistas Cézanne, Pablo Picasso e no Brasil, a brasileira Tarsila do Amaral. Eles se utilizaram da temática nudez marcando novas releituras das formas corporais que marcaram até a atualidade.

A manifestação artística corroborou como meio fundamental de se propagar o conceito de existência do ser, do registro da identidade, revelado pelo corpo despido, mas esse movimento não ocorreu de forma automática. É notável que muitos brasileiros tenham facilidade de descrever a cultura pela lente de países europeus, e se desculpam em não saber sobre a cultura de etnias que habitam a Região Norte, precisamente os da região Amazônica.

No caso das etnias indígenas e sua cultura, perpassa por diversas questões e um delas é sobre a valorização e subalternização de culturas, onde ficam claro ao observarmos a trajetória histórica da Amazônia do silenciamento dado a implementação curricular no ensino local. Quando ainda são abordados em nossa literatura tendem em suas narrações moldes depreciativos como, por exemplo, exóticos, folclorizados, primitivos.

Além disso, ignorar a reflexão crítica acaba por reforçar a subalternização de outras etnias ao protagonismo branco (SAVIANI, 2015), essas omissões de discussões são tendenciosas, pois o mesmo explica que há ferramentas didáticas, de ensino, métodos e concepções ideológicas que fundamentam a máquina de repetição de conteúdo no currículo, anualmente nesta questão. Ao eleger a epistemologia do ensino conservador para a Amazônia, sem apresentar as suas contradições de mundo, tende-se a preservar a política de silenciamento de relações sociais de exploração e não se apresentam outras versões de narrativas reivindicativas. Nesse sentido, a concepção, o método utilizado e o seu resultado totalizam um posicionamento político, pois para o autor, não há neutralidade.

Assim como tendem ainda a resumir todas as etnias em um único perfil estereotipado, nas escolas, no ensino básico são intitulados muitas das vezes, em datas comemorativas ao termo folclórico “índio”. Desse modo, as representações sociais individuais das etnias são negadas e perdem a sua identidade ao meio social. Há uma tendência a subalternizar esses povos através das manifestações de suas culturas, previsto em livros didáticos, nos quais se valoriza os conteúdos eurocêntricos a serem socializados como universais, além de exercer a ocultação história cultural, social e financeira do país.

Os livros didáticos são ferramentas pedagógicas potentes, porque é pouco questionável e produz/reproduz valores na maioria das vezes sem reflexão. Nesse cenário apontado, embora as escolas e os docentes tenham até autonomia de escolherem, devido a abertura dada pela BNCC⁴ quais obras utilizarão ao longo do ano letivo, a predileção já foi manipulada por meio de interesses de quem detém o poder de indicar os principais conteúdos dos livros a serem utilizados.

Diante dessa breve problematização, contextualizamos cenários da sexualidade no mundo das obras de artes, e suas possíveis relações de poder e hegemonia do que é passível de ser mais tolerado. Dado a ausência do conhecimento sobre as representações singulares das etnias, a cultura erudita tende a ser a mais apreciada. Em vista do exposto, esse estudo tem como objetivo refletir a importância do Museu Centro Cultural Povos da Amazônia - CCPA, na difusão do conhecimento sobre a maturidade sexual dos corpos e do Tikuna à luz da mitologia.

O presente estudo se caracteriza como pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa à luz das interpretações da literatura dos seguintes autores: Nimuendaju (1952), Soares (1999) e Matarezio Filho (2015). Buscaremos articular a categoria de corpo, a partir de Le Breton (2010) no conceito de corpo social.

BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A HISTÓRIA DO POVO TICUNA

O povo Tikuna recebeu notoriedade a partir dos estudos de Curt Nimuendaju que teve contato com esse povo a partir de 1929, com suas pesquisas de cunho etnográfico ao longo da bacia do Rio Solimões (AM), região de tríplice fronteira (Brasil, Bolívia e Peru) e por ser a maior população indígena brasileira segundo os dados do IBGE de 2010. Atualmente, parte desta população habita nas capitais como na cidade de Manaus e no município de Manacapuru. De acordo Matarezio (2015), essa etnia destaca-se pela forma como se auto intitula, Maguta, povo que foi pescado, a partir da história do mito da sua criação, e por seus ritos que construíram e regula sua sociedade, principalmente na organização parental, a sexualidade que permeia a história dos mitos e ritos deste povo.

As versões do mito de origem dos Ticuna variam um pouco. Em linhas gerais, Ngutapa e sua esposa, Mapana, estão na floresta e Ngutapa amarra sua mulher de pernas abertas. Mapana, amarrada, recebe a ajuda de um gavião

⁴ Base Nacional Comum Curricular (2017) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da educação básica.

cão-cão (cõw – gralhão – *Ibycter americanus*) 5 que lhe dá vespas. Noutras versões ela mesma se transforma em vespa. Mapana, transformada em vespa ou arremessando uma casa de cabas, pica os joelhos de Ngutapa, que engravida neste local. Em cada joelho foi gestado um casal de irmãos. No joelho direito, Ngutapa gestou Yo'i e Mowatcha e, no joelho esquerdo, Ipi e Aicüna (Matarezio Filho, 2015b: 105). Esta, na maior parte das narrativas (Nimuendaju, 1952; Oliveira Filho, 1988; Goulard, 2009), é a primeira cena do mito de origem ticuna (p. 105).

A etnia Ticuna é marcada ao longo do tempo pela resistência das culturas ocidentais que passam no alto Solimões na tríplice fronteira. Desde a escravidão, invasões de terra, as religiões institucionalizadas (católicos e protestantes), mas entre tais problemas enfrentados está o “messianismo” que adentrou e se alojou nesta região com o intuito de converter os nativos em sua religião e crença. O messianismo, trazido pelo movimento da Santa Cruz (1972), por ser mais fechado, trouxe muito conflitos: econômicos, territoriais, político e religioso para esta região, problema esse que ainda hoje não foi totalmente solucionado.

No entanto, percebemos que há de certa forma a resistência a estas invasões socioculturais, pois, ao encontrar aldeias que ainda realizam seus ritos por tradição em respeito aos seres da floresta (heróis) que lhes deram a criação, a origem do povo Tikuna.

Muito cedo um pequeno cesto para carregar coisas é feito para menina, com o qual ela acompanha sua mãe para a roça. O menino recebe um pequeno remo e vai com seu pai na canoa pescar. Além disso, as crianças começam a tomar parte nas festividades em tenra idade, dançando com os seus pequenos companheiros, da mesma idade e sexo e participando de beberagens alcólicas quando seus pais permitem. Posteriormente embora não tenha ainda muita habilidade para dirigir uma canoa, elas começam a brincar por horas a fio no igapó, matando pequenos peixes e comendo pequenas frutas (NIMUENDAJU, 1952, p. 72).

Afirmção de Nimuendaju nos revela a alteração dos ethos das crianças e jovens que são limitados pelos mais idosos com a chegada dos religiosos, a atividade cotidiana de pesca, caça, e sua participação em rito que se utilizem as bebidas alcólicas. O rito de passagem, que para o povo ticuna é o mito mais importante para se manter vivas suas tradições, sua existência contraria os mandamentos da religião. Neste sentido as imposições disciplinares da igreja, principalmente, aos mais novos estão diminuindo a frequência e a ocorrência de sua participação e interesse por este rito.

A professora tikuna Hilda Thomas do Carmo, que traduziu esta canção comigo, me disse que o trecho abaixo faz referência “às crianças que apanham o ingá verde, antes da hora”: Tautatürü aicümatatürü damaücütürü bacatchacane ya tuerü'ũ ta ngipe'eguwai curü bacaparane curümama

damatatürü buâtatürü i bugune yayima nhemane yapama rü'ũ doüemata
cuñiyacawe aitchatürü ngetücü pa iri, iri, pa woworecü (MATAREZIO, 2015,
p. 90).

Tradução da música cantada para as meninas mais jovens: “Será que você vai ficar bonita como olho da macaxeira na frente da sua mãe, com a batata da perna bem grossa e bonita? Será que você vai ficar igual o ingá ainda verde (doü), magrinho, que a criança apanha? O aitcha rapaz solteiro vai apanhar você, moça nova?” (MATAREZIO, 2015).

Segundo Soares (2014), na mitologia Ticuna, *Ngutapa*, ser mitológico, de cujos joelhos nasceram os heróis civilizados *Y'oi* e *I'pi* e suas irmãs, trouxeram os objetos da cultura e ensinaram como os Tikunas deveriam plantar, fazer suas festas e casar-se entre si. A sociedade Tikuna se organiza pelas instruções dos encantados, seres da floresta e entendem que dependem dessa boa relação com eles para que não sofram as intempéries que esta natureza possa trazer para seu povo

Portanto, equacionar questões como a religiosidade entre os Tikunas e não tikunas, frente à importância das representações dos mitos e suas significações e simbolismo por este povo é um “desafio” nos aspectos da interculturalidade, a fim de minimizar as tensões movidas pelas religiões externas.

Ao longo do tempo tivemos diversas interpretações para se conceituar o que é corpo. A princípio temos a afirmação de Platão (428-347 a.C), “A alma nasceu fruto das ideias por isso, perfeita, eterna e imutável”. No entanto, foi presa ao corpo, que representa a realidade, a dimensão inferior e por isso, limitada. Então, por interpretação do que afirma Platão temos a consubstanciação entre alma e o corpo, onde a alma disciplina a existência do corpo, porém para isso, estaria presa a ele.

A partir desta afirmação de Platão, outros conceitos e estudos da categoria corpo se afirmaram ao longo do tempo como: corpo social, corpo fluido. Tal entendimento se deve às mudanças corporais sofridas por tentar se adequar ao seu tempo, a contemporaneidade. Transformações corporais que estas mudanças, que o corpo pudesse ser compreendido e aceito por ele mesmo e pela interação com a sociedade.

Para se analisar o corpo pelo viés social precisamos situá-lo no tempo e espaço do corpo vivido por sujeição às imbricações constitutivas destas relações, o tempo estabelece a história em suas construções, em suas experiências e quanto ao espaço, às relações com os indivíduos da sua sociedade. Sendo assim, o sujeito fica

comprimido às regras pelo grupo que o circunscreve, ao que pertence. Na sociedade ocidental não é diferente de outras sociedades pois constroem leis que assegurem a integridade do corpo, salvaguardando pelo cumprimento de tais leis.

Na sociologia do corpo refere-se ao “enraizamento físico do ator no universo social e cultural” (LE BRETON, 2010 p. 94). Isso quer dizer que no corpo estão impregnados valores, crenças que lhe aprisiona inconscientemente, por isso, como fala Le Breton (2010) “ele cria uma desordem na segurança ontológica que garante a ordem simbólica”.

A desordem no seu eu (ser) em suas compreensões de mundo, vai de encontro as suas posturas. A segurança da ordem precisa ser preservada para que os valores, as tradições sejam asseguradas, quando duas coisas separadas pela ambivalência são dadas as qualidades dos corpos e unidas por circunstância do ato da criação. Sendo que tal compreensão abre a margem para outros entendimentos sobre o corpo. É assim que acontece com as crianças e jovens que são instruídos por doutrinas de outras religiões pois são acometidas da desordem social e cultural.

Por muito tempo ficamos presos entre as concepções do corpo ideal e do materializado (real), no entanto, na sociedade atual percebemos a predisposição do corpo para atender às exigências ditadas pelas mídias e pela fragilidade, vulnerabilidade em se impor como existente na sociedade. Para Le Breton o corpo é recoberto por ambiguidades e ambivalências que são impostas pelas relações nas regras sociais.

Não resta a menor dúvida que o corpo, ou o corpo do indígena, seja o suporte vivo, e que expressa sua vitalidade e todo seu poder de significar através das pinturas corporais, das máscaras, dos adereços, das tatuagens e escarificações, onde temos neste estudo o caso do povo ticuna em questão, onde se afirmam que o ritual, o cosmo, é uma pessoa magnificada, ampliada.

Os quatro princípios referidos acima por Valenzuela são também mencionados por Angarita como propriedades tanto dos corpos (*üne*), quanto do “mundo” (*na’ane*). Estes autores sintetizam desta forma a relação entre corpo e “mundo”: “todo Naane posee *naüne* y todo *naüne* es *Na’ane*” (2013 p. 147), ou seja, todo território (*na’ane*) possui corpo (*naüne*) e todo corpo é território. Isto em função de possuírem os mesmos “princípios fundamentais” (ibidem). *Na’ane* possui os princípios que compõem os seres para os ticuna – *pora*, *mañ*, *kuã* e *ã’ẽ 12* –, humanos e não humanos, visíveis e invisíveis. “[S]oy Naane y Naane soy yo. (...) Naane es humano

vivo que se transforma em todo momento” (idem: 155), e todos possuem uma origem comum, são formados pela mesma matéria e energia.

Segundo Matarezio Filho (2015), a originalidade dos povos desta região estaria numa noção de pessoa “com referência especial à corporalidade enquanto idioma simbólico focal” (idem: 03).

CONTEXTOS SOBRE O CORPO E RELAÇÕES SOBRE A SEXUALIDADE

Abordar a sexualidade nos remete ao espaço simbólico e de significações variáveis do corpo que permeiam a cultura dos povos nos seus valores, crenças, singularidades que nos identificam, mas também nos estimula a buscar a compreensão da sexualidade do corpo, a exemplo, percebemos a temática presente no mito e rito de criação do povo Ticuna. Para substanciar a reflexão apresentada na temática deste trabalho, iniciaremos com a conceituação dada pela Organização Mundial da Saúde:

A sexualidade faz parte da personalidade de cada um, é uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. Sexualidade não é sinônimo de coito (relação sexual) e não se limita à ocorrência ou não de orgasmo. Sexualidade é muito mais que isso, é a energia que motiva a encontrar o amor, contato e intimidade e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas, e como estas tocam e são tocadas. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações e, portanto a saúde física e mental. Se saúde é um direito humano fundamental, à saúde sexual também deveria ser considerada um direito humano básico (GTPOS - OMS, 1975 p. 66).

A sexualidade presente na relação sexual não é somente para procriar, não se limita ao ato. E sim, sexualidade é a forma da pessoa ser indivíduo, de expressa-se em sua intimidade, é sentir o mundo do outro por suas percepções. Ela regimenta nossas escolhas, desejos, empatias, e como estas tocam e são tocadas. Isso significa dizer que a sexualidade é um ato relacional de cumplicidade, de aceitação, da troca, de posicionamento, de forma imparcial da espacialidade corporal, é permitir-se a experiência afetiva, não se preocupando com as condições de representações sociais, que limita tal relacionamento.

Por outro lado, a definição da sexualidade do povo tikuna nos revela o quanto se diverge do conceito de sexualidade afirmado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), quanto ao entendimento e como proceder em relação à sexualidade de seu corpo.

A Partir do mito da criação dos Ticunas, a abordagem entre os pares, adequando as relações sexuais num ato relacional direto, afirma Nishizima (2013) “entre os clãs, nação com pena “como das” (arara vermelha, maguari, mutum e galinha), nação sem pena, ou seja, clãs com nome de animais e plantas (onça, boi, saúva, jenipapo, avai e buriti)”. Verifica-se então, que só poderão se relacionar com clãs diferentes, e nunca do mesmo clã.

O cruzamento entre os clãs é que levam à escolha do parceiro sexual, a exemplo do ritual da moça nova que tem um preparo ritualístico que em um momento de sua execução as moças são preparadas, o corpo precisa se adequar, ser experiência, para poder viver uma experiência, pois se faz necessário cumprir com a etiqueta da obediência, da concentração, da reclusão e do silêncio. Será para ela um momento de defender de forma a contribuir com a continuidade da vida, da sua existência, e sobretudo, em respeito à sua família e a seu povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação ao corpo, os rituais também são realizados para adequação do corpo, para isso se faz necessário limpá-lo, purificá-lo para a procriação dentro das regras de um “bom casamento”, quer dizer, procurar organizar a sua relação sexual para o cumprimento das exigências da vida social. O relacionamento precisa acontecer de forma a não prejudicar a coletividade, no que concerne uma má colheita, ou pescaria, em suas atividades cotidianas, em prol da prosperidade da sociedade, assim se confirmam as proposições por sua cosmologia.

E ainda, o corpo nas relações entre os gêneros precisa ser entre pessoas de sexo diferente, masculino e feminino, e nunca entre pessoas do mesmo sexo (homem com outro homem / ou mulher com outra mulher). Este formato de relacionamento é para eles “impuro” isso, interfere no grupo, como um todo, por ser observável nas interpretações da sexualidade tikuna, por influenciar pensamentos, sentimentos, ações e interações e, portanto, a saúde física e mental. “Se saúde é um direito humano fundamental, à saúde sexual também, deveria ser considerada um direito humano básico.” (GTPOS - OMS, 1975 p. 66). Queremos dizer que na cultura indígena tikuna a homossexualidade não é entendida como saudável para a sua comunidade.

Ao analisarmos o enredo interpretativo do mito, na fala dos autores aqui citados, em diálogo com a Organização Mundial da Saúde, entendemos que o mito da criação

tikuna não converge para o mesmo entendimento sobre sexualidade. As suas práticas sexuais, etnografadas pelos autores citados, nos mostra uma orientação linear quanto a sexualidade. Os ritos diferenciam-se na compreensão e interpretação da sexualidade presente nos corpos aqui apresentados, que aparecem como personagens, por fazerem parte tanto da história do mito da criação, como se transformam, a exemplo, o ritual de passagem da moça nova.

Os corpos na etnia tikuna possuem relação com os elementos da natureza formando assim, as características e personalidades desse povo (personagens) e seus clãs. Sob estas condições é que o Tikuna foi criado, e em suas interpretações estão as condições dos acontecimentos e dos elementos naturais como vapor d'água (ser amorfo) versus origem de Mowichina e *Ta'e* (primeiros a dar forma ao cosmo); *Ngutapa* (ser assexuado), conflito com Mapana (esposa) versus surgimento da “vagina de mulher aberta” (ROSA, 2015); *Ngutapa*, ausência de vagina versus gravidez masculina; Terra (Na'ane) versus corpo (naüne), verde, moça nova versus fruta madura, vida adulta; corpo (naüne), moça nova, filha do umari versus primeira mulher casável, desejável.

Dentro dessa linguagem da ambiguidade, que dá diferentes formas de entendimento, há palavras com significados opostos, pois tentou-se interpretar o mito da criação tikuna, conscientemente. No entanto, o cruzamento correto desses clãs faz o equilíbrio e a quietude das intempéries sofridas pela terra. O corpo como representação de terra precisa ser perene, por ter tido um bom casamento passa a ser um território fértil, bom para procriação.

A sexualidade faz parte da nossa personalidade e singularidade. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. Quer dizer, a distinção do povo Ticuna pela criação de aspectos das características da natureza de sua personalidade se deu por enquadrar cada uma pessoa a partir do sabor do caldo do jacaré (“*niri*”), como explica sua cosmologia, pois seu relacionamento com outro antes a isso, era considerado um mau casamento, um mau relacionamento, que teria como consequência a instabilidade da terra, como um corpo adoecido.

Procuramos neste trabalho estabelecemos relações entre as interpretações tratadas nas etnografias Nimuendaju (1952), Soares (1999) e Matarezio Filho (2015) sobre os mitos do povo Tikuna com outros autores, como as interpretações de Le Breton (2010), feitas à categoria corpo. Percebemos nas escritas dos autores

pesquisados uma interação relacional de elementos da natureza que dialogam com os significados que o mito quer comunicar, independente das possíveis variações que estes ritos sofrem ao longo da interculturalidade. Foram nos três autores em tempos diferentes, independente do corte de categoria que cada autor deu a etnografia, um novo pilar para as interpretações e suas releituras do ritual da moça nova em seus trabalhos, livros e teses.

Curt Nimuendaju (1952), um dos primeiros e grande estudioso dos ticunas, aponta para uma etnografia voltada para a história deste povo, preocupou-se em voltar suas escritas para a origem antropológica e o registro de imagens, coletando os dados de forma direta, visto que foi o primeiro a ter contato com mitos e ritos desta população, no entanto não dando muita ênfase nas festividades deste povo.

Enquanto que Matarezio Filho (2017), ao relatar o ritual da moça nova, no entanto, afunila seus resultados nas interpretações, a partir de imbricações nas reflexões comportamentais, sociais, tratando esse ritual por desdobramentos do simbolismo, significados e sobre a visão do corpo.

O estudo teve por objetivo compreender o mito e rito do povo Ticuna à luz das interpretações da literatura dos autores acima citados, visando a maneira que o povo desta etnia constrói, compreende e se posta para o mundo através da sexualidade presente no contexto do ritual da moça nova.

A sua presença no mundo através dos seus imaginários cosmológicos e suas relações com o (s) ser (es) maus (“N’go”), “os encantados”, para se manter na terra estabelecem relação de aliança com estes seres de sua cosmogonia.

E a resistência deles às investidas das religiões, ficando sua “gênese” na fronteira da interculturalidade, das ambivalências e ambiguidades presentes dos valores e crenças de suas tradições que vão se perpetuando nesta zona de conflito, entre profano e sagrado, corpo sujo e corpo limpo, o bom e o mal casamento, ser assexuado e o ser sexuado, enfim, nas disparidades e dicotomias que estiveram presentes também, nas relações entre os ocidentais, em contextos, épocas e lugares, em diferentes cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRUZ, Jocilene Gomes da. **Abordagem sociológica sobre os Ticuna no contexto contemporâneo**. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, Secretaria de Estado da Cultura, CCPA, 2007.

LE BRETON, D. **A Sociologia do corpo**. Tradução: Sônia M. S. Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 4ª ed. 2010.

_____ **Antropologia do corpo e modernidade**. Tradução: Fábio Santos Creder Lopes. Petrópolis - RJ: Vozes, 2011.

_____ **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Tradução: Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 2003.

MATAREZIO FILHO, E. T. **A Festa da Moça Nova**: ritual de iniciação feminina dos índios Ticuna. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-16092015-164516/pt-br.php>

MAUSS, M. As técnicas corporais. In: _____ **Sociologia e Antropologia**. Rio de Janeiro: Cosic & Naif, 2004.

MELATTI, J. C. **Índios do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

NIMUENDAJU, C. **The Tukuna**. American Archeology. Berkeley & Los Angeles University of California Press, 1952.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena”. In: **A Inconstância da Alma Selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo, Cosac & Naify, 2002

_____ “Filiação Intensiva e Aliança Demoníaca”. In: **Novos Estudos CEBRAP**. 77, p. 91-126. 2007

_____ **Metafísicas Canibais**. São Paulo: Cosac & Naify. WAGNER, Roy, 2015.

_____ **A invenção da cultura**. São Paulo, Cosac Naify. 2010.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. 14ª Edição. São Paulo: Autores Associados, 2015.

SOARES, A. de A. **O corpo do índio amazônico. Estudo centrado no ritual da Worecû do povo Ticuna**. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto) Faculdade de Ciências do Desporto e Ed. Física, Universidade do Porto, 1999.

_____ **O corpo: olhares diversos**. Manaus: EDUA, 2016.